



Leze a chama

O SÃO VICENTE DEBATEU FORMAS E CAUSAS SOCIAIS DAS VIOLÊNCIAS

Páginas 8 e 9



ELEIÇÃO E POSSE DOS TRÊS GRÊMIOS DÃO COMEÇO A SUAS PROMOÇÕES

Página 3

CONCRETIZAMOS NOSSA AJUDA AOS MAIS POBRES

Página 10



SUCESSO
(RELATIVO)
DO
1º CONCURSO
"EIS A
QUESTÃO"

Página 15

UM NOVO
CONCURSO:
VEJA O
REGULAMENTO
E
PARTICIPE!

Página 15

1 Os Grêmios dos Alunos constituem, no Colégio São Vicente de Paulo, uma força. São uma atividade formadora, num contexto mais amplo, em que se dinamizam as potencialidades dos nossos Jovens. Garantem um espaço de criatividade, dentro da liberdade que é patrimônio de todos nesta Casa. Por isso, é bom ler, nesta edição, a posse dos três Grêmios, seus planos e o que já realizaram. É também muito gostoso ler o que houve com o Jornal do Grêmio Colegial: como uma Equipe amadurece no diálogo e ajuda a construir um Colégio que dá gosto!

2 A APM está em ação e quis mobilizar a Comunidade Educativa à volta das várias faces da violência a que estamos sujeitos, desde a da criminalidade até a do modelo econômico. Quais as causas dessas violências? Qual nosso papel frente à violência, para fazermos o mundo fraterno que sonhamos? A CHAMA esteve presente no ciclo de palestras de maio.

3 Nosso curso noturno de 1º Grau Supletivo está completando 10 anos! Parabéns! Pe. Almeida, que o começou, mandou de Roma um relatório alentado sobre os inícios, os objetivos, as lutas, os heróis do Supletivo. Com esta publicação (mais a entrevista com o Pe. Guerra sobre a burocracia), estamos comemorando, a nosso modo editorial, os 25 anos que o São Vicente está começando a celebrar!

Pe. Lauro Palú, Diretor

a chama

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho
Tel.: 205-0796
CEP 22.241 — Rio de Janeiro — RJ

CONSELHO EDITORIAL
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

DIRETOR RESPONSÁVEL
Padre Lauro Palú, C.M.

REDAÇÃO E FOTOS
Damião e Regina M. B.
Nascimento

COLABORADORES
Claudius, Gian Calvi
Ziraldo
Laerte Moraes Gomes
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
JB — Indústrias Gráficas Ltda.

Av. Suburbana, 301.
CIRCULAÇÃO DIRIGIDA
Tiragem: 2000 exemplares

Os artigos assinados são da responsabilidade de seus autores.
Aceitamos permuta com publicações do gênero

RECEBI e li A CHAMA.

Muito agradeço as palavras suas e do Lopes. Esta generosidade de vocês é muito minha conhecida, pois com ela vivinha por um tempo feliz em minha vida.

E foi pensando nisso e caminhando dentro de minhas lembranças que, de repente, me senti comovido e resolvi fazer esta carta não só de agradecimento (como penhoradamente o faço) mas, também, como depoimento. Um testemunho do que significou e do que significa para mim o Colégio São Vicente de Paulo.

Nascido em Natal, em 1930, sou da diáspora nordestina de 1964.

Neste ano trágico da História do Brasil vi a destruição, pela repressão, do movimento de cultura/educação popular "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" que, junto com o povo pobre de Natal e com o Prefeito Djalma Maranhão, ajudara a construir.

Sofri o arbítrio da prisão: mais de seis meses sem paisagem. Fui despojado dos empregos.

A fortuna que me restou, graças a Deus, foram os cinco filhos e a mulher, que, além de esposa, sempre foi a companheira de lutas. E a Mãe, para cuidar em sua velhice.

O exílio interno escolhido temporariamente foi o Rio de Janeiro, onde se localizavam as Embaixadas — rota para o exílio externo.

Do Chile, Paulo Freire mandava recados, me chamando. Por que não fui?

Aqui, a cidade grande engolia o exilado interno. Cidade generosa, mas a vida difícil (e repetia o verso do poeta: "Rio, quantas vezes me feri no gume de teus edifícios?"). Fui ficando, e descobrindo uma Igreja que resistia ao golpe de estado: Frei Eliseu, no Leme; D. Waldir, em Copacabana; Lopes, no Largo do Machado; Dario e Tedesco no São Vicente, etc. Uma resistência sem bravatas. Lúcida. Tecendo uma teia de ajudas. Dando o testemunho cristão do Samaritano.

Os comunistas, caçados como bruxas, haviam mergulhado na clandestinidade; mas, com sorte, vez por outra, era possível uma conversa com um Luís Ignácio Maranhão Filho: uma rápida troca de esperanças. Alguns ficaram à luz do sol até à hora da prisão: José Cândido Filho, por exemplo, no SENAC.

Sete meses desempregado. Alguns gestos de ajuda. Mas a lembrança maior é da insegurança e do medo: sucessivos chamados da 7ª Região Militar, para depor nos IPMs do 4º Exército (a passagem para Recife teria volta?), a discriminação ideológica (havia sido "crime" ensinar o povo a ler "de pé no chão"). O desemprego. A família dividida: em Natal, os filhos; no Rio, a mulher.

Até que, já iniciado o ano letivo de 1965, surge o primeiro emprego: professor de História do 2º Ano Ginásial (hoje, 6a. série) no Colégio Carvalho de Mendonça, à noite. A escritora Eneida e o Diretor Miécio abriram a primeira porta para o mundo do trabalho. A solidariedade dos marxistas conseguia se manifestar concretamente na luta pela sobrevivência.

Em agosto de 1965, mais dois traba-

lhos: o SENAC e o Colégio São Vicente de Paulo. Em 1966 me despedi de Miécio (pela mesma época morria Eneida) e fui criando raízes no São Vicente.

Aqui entrei na vaga de Padre Jair. Aulas de História no 1º Ano Ginásial (hoje, 5a. série). Tive que reconstruir toda a minha metodologia. O mais arriscado, todavia, era policiar o sotaque nordestino, que era a curtição da criança... Mas, tudo bem: reencontrava-se a família; vendia os bens que restavam em Natal; somava os tostões dos salários e ia descobrindo um mundo de gente fascinante.

Para quem tinha a "cachaça" da educação como eu, o São Vicente era u'a mão na roda. O Colégio ainda era pequeno, estava em fase de implantação. Como diz García Márquez: era um Macondo em que tudo era tão novo, que as coisas não tinham nome e era preciso apontar com o dedo. Tive a sorte de participar das discussões para a elaboração de uma filosofia educacional para o São Vicente, em 1966, 67, 68. Fui me reencontrando com alguns postulados educacionais em que acreditava, por exemplo: o educando é o sujeito de sua educação; a educação crítica é comprometida com a transformação das relações sociais, etc.. E num clima surrealista começava-se a criar uma atmosfera de liberdade em pleno período do "terrorismo cultural", como definiu Dr. Alceu de Amoroso Lima. Um dado concreto: o Grêmio do Colégio jamais deixou de realizar, anualmente, as suas eleições — algumas delas acirradamente disputadas.

Assim, eu encontrava no São Vicente o espaço que perdera em Natal, em 1964, noutras circunstâncias, é verdade, mas com uma direção de educação muito válida para a situação de então. Isso me empolgava. E mais: o pensamento acadêmico era da melhor qualidade.

Um dia o Chile chamou mais forte: foi quando decretaram o Ato Institucional nº 2. Percebi que tudo ia começar de novo.

Numa clara manhã de sol forte, às 10 horas, Lopes me levou à Nunciatura. O Núncio foi rápido e competente. Às 14:00 horas fui recebido pelo Embaixador do Chile. Tudo já estava acertado. A pergunta dele foi objetiva e delicada.

— O senhor quer ficar, agora? No Chile haverá trabalho para o senhor.

Pensei rápido. Realmente, eu não estava decidido.

Muitas eram as âncoras jogadas neste chão e uma delas, sem dúvida, era o trabalho que se iniciava no São Vicente. Respondi:

— Não fico, agora. Quero ter a certeza de que serei recebido, em caso de perigo iminente.

— Perfeito. Pode contar, respondeu o Embaixador.

Sai da Embaixada aliviado. Ficaria no Brasil por mais algum tempo (pela vida toda) e teria a retirada assegurada. Paulo Freire ainda iria esperar...

Voltei para o São Vicente e mergulhei no trabalho de corpo e alma. Guardo a imagem de muitos educadores de primeira linha e perdi muitos nomes: acredito num mecanismo de autodefesa, quando o saber o mínimo

era o mais seguro.

As reuniões continuavam. Dario, Tedesco, Jorge, João Batista, Paiva, Solange, Aluisio. Sai Marçal, entra Almeida. Sai Dario entra Lopes. Chega o Profissionalizante e, também, Vicente. Sai Almeida, entra Lauro. A equipe do profissionalizante se constituiu na principal contradição interna (sem contradição não há História) e cria, recria, muda, sobre, acaba. O Conselho Pedagógico surge da prática para unir o Colégio e continuar as discussões. As exposições. O reflorescimento. O teatro. Os Grêmios. As estatísticas do Vestibular. A APM. Os jornais dos estudantes (um dia, a discussão: há um poder de censura?). A festa junina. Os torneios esportivos. Os conselhos de classe (um dia aprovo, na marra, um aluno, passando por cima de vários zeros — hoje ele é correspondente de um grande órgão da imprensa carioca, em Washington. Valeu). A grande tristeza: a saída de Tedesco. O melhor "papo": Pau-ferro. O saber-trabalhar-junto: Vicente. A inovação do programa de História para o 2º grau (com Aquino e Luiza): ver a História a partir do pensamento do colonizado e não do colonizador — toda a mudança de mentalidade. Dentro da sala de aula com o "Brasil em Perspectiva" nivelando por cima o pensamento acadêmico. Finalmente (pois a lista seria interminável), o inconformismo, graças a Deus!

Mas há o momento em que o coração amolece mais; em que a situação fica mais tensa, às vezes; em que você começa a ter medo, de novo, agora, por outros motivos; em que você se segura todo para, realmente ajudar "o voo sem jamais pretender substituir as asas" — eu vivi tudo isso quando me transformei em professor-coordenador-pai. Esta vivência, é realmente, impar. Não se compara com nada. E só poderia ser definida pelo verso do poeta Camões quando revela que:

"Amor é um fogo que arde sem se ver".

Todos os meus filhos estudaram (o caçula ainda estuda) no São Vicente.

De cada um guardo um momento que na memória remete, também, a outro poeta — Bandeira — pois de cada um há os momentos que ficaram "intactos, suspensos no ar".

Clara Raissa, José Roberto, Moacyr, Maria Idália e Leon — cada um, um mundo; cada um, uma transa diferente, polivalente, mas, que, no fundo, deságua no mesmo amor, num grande amor.

Eis, aí, Padre Lauro. Uma carta que era um simples e sincero agradecimento pela notícia do meu "até logo" do São Vicente — agradecimento ao senhor e ao Lopes — se transforma num testemunho de verdades e de afeições.

Começa explicando que o São Vicente foi uma poderosa âncora a me fixar no Brasil, evitando o caminho do exílio, quando do estado autoritário. E termina pela confissão de que o Colégio foi também para mim o mirante de onde acompanhei, de forma privilegiada, apaixonado e apreensivo, crítico e com esperanças, o crescimento da riqueza que Deus me deu: os filhos.

Um abraço amigo e a renovação do "até logo" do

Moacyr de Goês

GRÊMIOS EM AÇÃO

Num papo descontraído e muito simpático, A CHAMA ouviu os representantes eleitos dos três Grêmios do São Vicente e traz para vocês, Pais, Mestres, Funcionários e Alunos, seus projetos e reivindicações.



Pe. Lauro dá posse à Diretoria do Minigrêmio e agradece aos que saíram

MINIGRÊMIO REIVINDICA

DUAS chapas concorreram à eleição dos representantes do Minigrêmio: **Movimento Jovem e Unidos do São Vicente**, esta, vencedora, cujos componentes são: Leonardo, Presidente; Pedro, Vice-Presidente; Alessandra, Secretária; André, Tesoureiro; Alexandre, Vice-Secretário; Pedro, Vice-Tesoureiro; Cristina, Diretora Cultural; e Cláudia, Diretora Esportiva.

Pretendem promover debates com os autores de alguns livros estudados no Colégio e estão programando excursões, cuja finalidade não é apenas recreativa e sim cultural, como complemento do que estão aprendendo nas aulas.

Fazem alguns pedidos:

Aos professores, pedem que não ultrapassem o horário de suas aulas, pois o

avanço em horário posterior reduzirá o Recreio.

À Direção do Colégio, sugerem que mude o horário da Recreação, evitando que esta coincida com o Recreio das turmas do Colegial, o que traz inconvenientes para as crianças, e solicitam que a Carpintaria dos Alunos seja transferida da Sala de Artes para um local mais adequado.

Aos responsáveis pela Cantina, indicam a possibilidade da instalação de mais uma caixa registradora, porque o uso de uma só ocasiona atropelos no Recreio.

Uma das reivindicações mais insistentes do Minigrêmio era um bebedouro para o Ginásio de Esportes, o que já foi atendido pela Direção do Colégio.

Dos Inspectores esperam mais paciência, lembrando que privação de Recreio ou anotações em cadernetas são medidas que precisam de uma reflexão maior, antes de serem adotadas.

GRÊMIO GINASIAL PROMOVE

DAS chapas concorrentes, **Coisa Acesa e Baila com a Gente**, a **Coisa Acesa** obteve a maioria dos votos e alguns de seus representantes, Flávio, Presidente, da turma 84; Marco Antônio, Vice-Presidente, da 71; Pedro, Secretário, da 84; e Guilherme Werlang, Tesoureiro, da 83, nos falaram dos seus projetos e citaram os Departamentos do Grêmio e seus Coordenadores: Cineclube — Jiang, da turma 84; Fotoclube — Ana Laura, T.84; Jornal — Carolina e Luciana, T.65 e T.81; Criatividades — Manoela, T.83; e o Departamento de Esportes com Mauro, T.84, William, T.72 e Paulo Marcelo, da T.82. Têm como projeto para o Cineclube uma seqüência dos desenhos animados canadenses de Norman McLaren.

Entre outras iniciativas se propõem a incentivar o Festival da Canção e o Sarau

GRÊMIOS EM AÇÃO

e a continuar o esquema de músicas durante o Recreio, o que tem tido boa receptividade por parte dos alunos. Estão estudando a possibilidade de uma programação recreativa ou cultural para os sábados.

O Jornal terá concurso de redações, historinhas, poesias, piadas, etc., sendo bem acolhidas as sugestões dos colegas.

O Fotoclube, iniciado em 80 e desativado posteriormente, volta, agora, com força nova e haverá concursos de fotografias com exposições dos trabalhos.

O Departamento de Esportes está sendo ativado e, numa atuação conjunta com a equipe de Educação Física do Colégio, já foi iniciado o campeonato de Vôlei, masculino e feminino.

Pedido aos Pais — estimulem seus filhos a participarem das promoções do seu Grêmio.

A posse recente deste Grêmio, ocorrida em maio, atrasou um pouco a realização dos seus projetos, mas estamos certos de que a garra de seus componentes compensará essa defasagem.

GRÊMIO COLEGIAL UNE E FAZ PARTICIPAR

A LÉM de um contato pessoal com os representantes do Grêmio Colegial, eles nos deram, por escrito, a relação do que já realizaram e do que estão programando:

Foi eleita em abril, a nova diretoria do Grêmio Colegial, composta por: Luís Felipe (2ºD) — Presidente; Fernando (1ºC) — Vice-Presidente; Roberto (1ºE) — Secretário; Simone (1ºE) — Tesoureira; Sérgio (2ºB), Maria Cristina (1ºD) e Daniel (1ºE) — Coordenadores Culturais; Ana Cristina (1ºE) e Tatiana (1ºE) — Coordenadoras de Divulgação; Susana (1ºC) e André Henrique (2ºD) — Coordenadores Esportivos.

À Coordenação Cultural pertencem os seguintes departamentos: Musiclube, Cineclube, Fotoclube, Jornal, Comitê Ecológico, Departamento de Teatro, Departamento de Debates e a Rádio. Pretendem reativar esses departamentos e criar: o Departamento de Artes Plásticas, o de Literatura e o de Pesquisas.

O Cineclube apresentou o Ciclo Glauber Rocha, com 3 filmes — “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, “Barravento” e “Terra em Transe” — este último seguido de debates, com a presença dos cineastas Leon Hirshmann e Zelito Vianna. E mais: toda 5ª-feira, após a aula, o Departamento passa um filme.

Quanto ao Departamento de Teatro, foi apresentada a peça “Ainda não Aconteceu”, com o grupo **Território Livre**. Existe um projeto através do qual o Grêmio pretende vender ingressos de peças de teatro com abatimento. A primeira peça foi “Chapetuba F.C.”, de Oduvaldo Vianna Filho.

O Jornal é mensal e está, também, à disposição da APM, da Direção do Colégio e de quem desejar publicar artigos ou avisos.

O Comitê Ecológico está-se formando e pretende levar a todos uma mensagem de respeito à Natureza.

Foram promovidos um grande sarau e dois **shows** com o **Grupo Terral** e o **Céu da Boca**.

Curioso e motivador é o programa

Silviocente, uma réplica satírica do conhecido “Silvio Santos”, ensejando a atuação dos alunos no setor teatral e musical.

A Coordenação de Esportes já realizou o Campeonato Masculino de Futebol e está iniciando o de Basquete Masculino, Futebol Feminino e Vôlei de duplas Masculino. Já houve a Corrida Rústica do São Vicente na Praia de Botafogo, e está sendo planejada outra, dando a volta na Lagoa.

O desafio maior para o Grêmio Colegial consiste em questionar o seu próprio esquema de funcionamento. Seus representantes reconhecem que esse esquema está “furado” e discutem como reformulá-lo. Lamentam que a maioria dos alunos, acostumada a delegar o poder de decisão a pequenos grupos, se omita e se subordine às resoluções vindas de cima para baixo, sem a efetiva e necessária participação de todos.

Pretendem, fundamentalmente, promover atividades que estimulem a participação e a união dos alunos, assim como a integração dos vários setores da Casa.



A Diretoria do Grêmio ginásial, com bons planos para todos os gostos



De braços cruzados (!) e pronta para a largada (!) a Diretoria do GRECO

O QUE HOUE COM O JORNAL DO GRÊMIO?

EM abril, o Departamento do Jornal dos Alunos do 2º Grau preparou uma edição de seu jornal, para sair antes da eleição da sua Diretoria e ser lançado no calor de um show.

Mas a técnica usada para compor o Jornal acabou criando um problema, que ocupou o Coordenador de Atividades Extraclasse, o Departamento do Jornal e o Diretor do Colégio. A intenção dos Alunos era fazer do Jornal uma tribuna aberta, que estimule a discussão de assuntos de interesse. Para isso, recolheu os artigos depositados numa urna, dando ao conjunto forma de jornal.

Padre Lauro, diante dos textos, observou que o universo de preocupações dos Alunos de São Vicente não estava retratado com fidelidade naqueles artigos. Nossos Jovens pensam também outras coisas, a realidade do Colégio não se reduz só ao que estava naquelas páginas e o espírito que orienta nossa atividade educativa não estava presente no modo de expor alguns dos assuntos. Portanto, em vez de estarmos num momento de censura, Padre Lauro lembrou que era hora de ver de frente os valores que desejamos defender e manter, como base do nosso processo educativo e que legitimam nosso trabalho junto à Juventude.

Nas duas reuniões em que se debateu o assunto, o esforço maior foi o de explicitar os critérios para organizar e manter o Jornal. Conseguimos estes:

a) abertura à opinião de todos, reconhecendo o direito de resposta a quem se sentir atingido.

b) Responsabilidade, que exige que os artigos venham assinados ou então sejam assumidos pelo Departamento do Jornal. Foi visto com clareza que, como os Alunos são menores de idade, a responsabilidade legal, em caso de problemas, vai

caber ao Diretor do Colégio e ao Coordenador das Atividades Extraclasse.

c) Respeito às convicções alheias.

d) Respeito à liberdade de consciência, especialmente no que se refere à religião.

e) Não se permitirão ofensas pessoais.

f) O Jornal, como todos os setores do Colégio, seja um instrumento de ação educativa e construtiva.

g) Respeito à filosofia educacional do Colégio, que engloba a educação libertadora (que nos faz ser sujeitos de nosso próprio desenvolvimento e do desenvolvimento social; não somos objetos); que supõe um processo educativo feito na base do diálogo, em que haja confiança nas pessoas, espírito crítico, conhecimento da realidade: e, enfim, exige que a educação seja criadora de um tipo novo de sociedade, em que haja justiça, fraternidade e participação.

h) O Jornal precisa refletir a linha e as propostas do Grêmio e promover os interesses reais do Colégio como um todo.

i) Não se admitirá propaganda do que for errado e destrutivo. (Ver o que é errado ou destrutivo não cabe, é claro, só ao Diretor ou ao Coordenador, nem só aos Alunos ou a cada um. Estamos envolvidos num projeto comum, com objetivos e responsabilidades que superam e comprometem cada um de nós).

Os Alunos do Departamento, à luz destes critérios, reconheceram que havia muitas modificações a fazer no Jornal, para que pudesse de fato ser um instrumento educativo, que abrisse, em relação aos assuntos de interesse, debates sérios e proveitosos. O mais importante, no caso, não era defender um texto qualquer, mas a liberdade de expressão, que se une com a responsabilidade pelo que a gente diz e escreve.

Padre Lauro destacou que, se os Alunos aplicarem os critérios aqui mencionados, não haverá necessidade de alguém intervir no Jornal e censurá-lo, reconhecendo-se e mantendo-se a autonomia e a responsabilidade do Departamento. Em especial, Padre Lauro manifestou sua alegria por ver o esforço desse grupo de Alunos que se prontificou a discutir com a Direção do Colégio, sem pretender esgotar numa atitude de rebeldia os meios que estão à nossa disposição, e se dedicou longamente (nos dois dias, 7 horas de conversa e discussão!) a buscar uma solução de conjunto, que comprometesse a Direção do Colégio, a Coordenação do Extraclasse, o Departamento do Jornal e o Grêmio.

Uma repercussão deste episódio aconteceu no Conselho Pedagógico. Transcrevemos o que constou da resenha nº 6, da reunião do dia 20 de abril passado: "A única atitude pedagogicamente correta é a de um otimismo, não ingênuo, mas crítico. Explosões de Alunos são melhores de que simulação, hipocrisia, submissão ou obediência passivas. O que houve, de fato, não foi um movimento desenfreado de independência, mas sintoma de reivindicação de maior autonomia. A autonomia é coisa positiva. Significa a capacidade de fazer suas próprias normas. Neste sentido, está coerente com a linha do Colégio e é fruto da própria Educação Libertadora.

É bom que cada grupo elabore suas normas que depois serão aprovadas pela instância superior onde se realizam a direção, a unidade e a animação do conjunto. As limitações não são imposições arbitrárias da autoridade, mas das necessidades da vida comunitária".

Equipe do Departamento do Jornal e

Padre Lauro Palú

E A BUROCRACIA, PE. GUERRA?

CHAMA — *Pe. Guerra, o senhor, que tem longa experiência em lidar com a burocracia educacional do Governo...*

● **PE. GUERRA** — Estou na Secretaria desde a fundação do Colégio S.V.P., portanto já lá se vão vinte e cinco anos.

CHAMA — *Como vê a evolução desse assunto ao longo destes anos?*

● **PE. GUERRA** — Ainda há bastante matéria para a ação do Dr. Hélio Beltrão, mas já melhorou muito, a partir da Lei 4.024 de 12/61. Nosso Colégio começou o curso ginásial em 1960, sob a "Lei Orgânica do Ensino Secundário", consubstanciada na Portaria 501/52. Naquela época, todos os atos escolares eram pormenorizadamente cronometrados. Por angústia de espaço, pena é que não possa reproduzir, na íntegra, o calendário de um mês. Resumindo, havia dia determinado para "abertura e encerramento das inscrições", dia para "Assinatura do Inspetor" e, pasmem: "Último dia para"... (aparece 10 vezes no mês). O *pode* só aparece uma única vez. Isto forçava o secretário a ter seu manual aberto sobre a mesa, diariamente. Cada dia era o *último* de alguma coisa. Hoje não há mais nada disto.

CHAMA — *Qual o relacionamento do Colégio com o Ministério de Educação (MEC), o Conselho Federal de Educação (CFE), o Conselho Estadual de Educação (CEE) e as Secretarias Estadual e Municipal de Educação?*

● **PE. GUERRA** — O ensino primário dependeu sempre do Estado. O MEC se ocupava do ensino secundário (1º e 2º ciclos Ginásial e Colegial) na vigência da Portaria 501/52.

Com o advento da "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ou Lei... 4.024 de 12/61" que instituiu os Conselhos Federal e Estadual, concedeu-se aos Colégios particulares tempo para optarem pelo Sistema Federal (MEC) ou pelo Sistema Estadual (CEE). A Lei 5692 de 08/71, que modificou a Lei 4.024 de 12/61, obrigou todos os Colégios particulares a passarem para a jurisdição do Estado, isto é, para o Conselho e a Secretaria Estaduais. Com a fusão, foi criada a Secretaria Municipal, que se encarrega do ensino de 1º Grau na Cidade do Rio. CHAMA — *Ainda existe inspeção federal?*

● **PE. GUERRA** — Toda inspeção, com espírito totalmente diferente da antiga inspeção, é estadual (2º grau e supletivo) ou municipal (1º grau), em se tratando da Cidade do Rio. É uma



"... o profissionalizante nasceu da afoiteza e improvisação características de nossa índole de nação jovem"

inspeção orientadora ou consultiva, sem mais o aspecto de vigilância inquisidora. O Inspetor não assina quase nada no Colégio, quando assinava tudo, por exemplo, todas as folhas de provas, todos os diários de classe, etc., cada mês. Faz três anos um departamento do Estado exigiu assinatura de Inspetor até em simples *declaração*; felizmente, durou pouco. Pequena recaída de velhos burocratas.

CHAMA — *Quem estabelece os currículos?*

● **PE. GUERRA** — O Conselho Federal de Educação (CFE) fixa as matérias do núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional, que se compõe de: Português, História, Matemática, Iniciação às Ciências, Ciências Físicas e Biológicas.

O Conselho Estadual de Educação (CEE) relaciona as matérias diversificadas dentre as quais o Colégio adota as que lhe convêm.

CHAMA — *Qual a margem de opção do Colégio dentro da rigidez dos currículos?*

● **PE. GUERRA** — O Colégio elabora seu currículo pleno com o núcleo comum obrigatório, podendo dar ênfase às matérias que mais interessam a seus objetivos. Escolhe as outras matérias dentre as enumeradas pelo Conselho

Estadual de Educação, podendo acrescentar uma ou outra, fora daquela relação do CEE. O currículo, porém, tem que ser aprovado pelo CEE.

CHAMA — *O que se deveria fazer para que os currículos refletissem melhor o meio social do Colégio e a realidade geográfica e social em que se acha?*

● **PE. GUERRA** — Só depende de o Colégio convencer os escalões superiores de que o currículo apresentado à aprovação está dentro do que prescreve o artigo 4º da Lei 5692 de 08/71, o que por vezes é difícil e demanda persistência.

Eis o artigo 4º: "Os currículos do ensino do 1º e 2º graus terão um núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional, e uma parte diversificada, para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas, às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos de ensino e às diferenças individuais dos alunos".

CHAMA — *O que houve, afinal, com o profissionalizante?*

● **PE. GUERRA** — Nascido do idealismo do Conselho Federal e, por que não dizer, da afoiteza e improvisação características de nossa índole de ração jovem, não teve a amparar sua implantação uma preparação, por mínima que fosse. Já nasceu obrigatório, pela Lei 5692 de 08/71, enfrentando a oposição de alunos e colégios. Uns só interessados em entrar para as Faculdades, outros sem recursos humanos e financeiros, para implantar cursos tão estranhos a um 2º Grau secundário. Resultado: mal imposto, mal aceito, pior executado, aos trancos e barrancos, estava destinado ao fracasso. Foi o que lhe aconteceu, após ter arrastado à debilidade, senão à falência, as antigas Escolas Profissionais. A Lei 7.044/82 dispensou as Escolas da obrigatoriedade, instituindo em seu lugar a "preparação para o trabalho", ainda não bem definida.

CHAMA — *Quem estabeleceu o rígido e ridículo princípio de que todos os Colégios têm profissionalizante ou nenhum?*

● **PE. GUERRA** — Não conheço tal princípio. A Lei 5692 de 08/71 obrigou simplesmente todos os Colégios de 2º grau a implantar a profissionalização, como formação especial, com carga horária superior à educação geral. Tive notícia de que um colégio do Rio não implantou e afirmou que exigiria indenização do MEC, se o tivesse introduzido, ante as vacilações desses 11 anos de obrigatoriedade da Lei.

Leia.

Palavras dos colunistas de propaganda e marketing, ao elegerem o Jornal do Brasil como o Veículo do Ano no Prêmio Colunistas Nacional: "Para o Jornal do Brasil ficou a classificação de Veículo do Ano, em virtude de sua conhecida postura quanto à liberdade de imprensa aliada à consciência de que os órgãos de informação e de formação de opinião necessitam estar presos ao compromisso com a verdade. Além disso, foi fator fundamental para sua premiação a importância que lhe atribuíram as agências como mídia viável para veiculação de anúncios e mensagens".

Palavras do Jornal do Brasil, ao saber que havia sido eleito o Veículo do Ano: "Queremos transferir e vamos transferir, no dia-a-dia de cada edição do Jornal do Brasil, mais esta vantagem, este destaque e este prestígio para todos os nossos anunciantes e leitores".

JORNAL DO BRASIL

Prêmio Colunistas Nacional.

Ouçã.

Senhoras e senhores leitores e anunciantes, neste momento nós pedimos licença para fazer um ligeiro e raro intervalo musical no Jornal do Brasil. Gostaríamos que todos ouvissem que a rádio que revolucionou as emissoras de FM do país, a Rádio Cidade foi eleita como o Veículo do Ano pela ABP — Associação Brasileira de Propaganda.

Pelo seu desempenho, pela sua programação e por ter não só conservado mas ampliado a liderança que assumiu ao modificar o panorama e a linguagem do rádio brasileiro, a Rádio Cidade quer aproveitar este espaço conquistado para transferir todo o prestígio, a força e a qualidade de Veículo do Ano para todos os seus ouvintes e anunciantes. Diariamente. E musicalmente.

Nas rádios Cidade do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Belo Horizonte e Goiânia.

RÁDIO CIDADE

Prêmio ABP 1982.

Os Veículos do Ano.

MMC

SISTEMA JORNAL DO BRASIL

LOCAL: COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO	DIA 9	ASSUNTO: VIOLENCIA e SEGURANCA
ENDEREÇO: RUA CESAR VIEIRA, 291 - Af. Amaro	12	VIOLENCIA e FAMILIA
HORÁRIO: 20:30h	16	VIOLENCIA e ECONOMIA
MAIO	19	VIOLENCIA e EDUCACAO
	23	VIOLENCIA e SOCIEDADE URBANA

O cartaz que Laranjeiras fez para divulgar nossas palestras

AS VÁRIAS FORMAS NA VIOLENCIA E SUAS CAUSAS SOCIAIS

A Associação de Pais e Mestres (APM) promoveu, em maio, um excelente ciclo de palestras, para aprofundar o tema da Campanha da Fraternidade deste ano: Fraternidade, sim; Violência, não.

As palestras foram realizadas em três semanas, nas 2^{as} e 5^{as}-feiras.



Um Ciclo de Palestras



VIVALDO BARBOSA,
Secretário da Justiça
do Estado do Rio de Janeiro

Dia 9, o tema foi **Violência e Segurança**, abordado competidamente pelo Secretário de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, **Vivaldo Barbosa**, que expôs a linha humanista em que se baseia a orientação atual da Justiça, nas suas várias atuações no Estado. O moderador da sessão foi João Carlos de Rezende Martins, Presidente da APM. O Ex-Presidente da APM, Aylton Reinert, iniciou os debates, que não puderam prolongar-se como pareciam indicar as primeiras perguntas, porque o conferencista precisou sair cedo, para atender a um outro compromisso inadiável e urgente.



HÉLIO AMORIM,
Presidente Latino-Americano do
Movimento Familiar Cristão

Dia 12, o tema foi **Violência e Família**, exposto por **Hélio Amorim**, Presidente Latino-Americano do Movimento Familiar Cristão. Hélio Amorim é Pai de Aluno do Colégio e também de uma de nossas Professoras de Ciências, Maria Cláudia. Encantou com a confiança na Família, com a força que reconhece na organização de que as Famílias são capazes e que constituirá uma defesa, no mundo violento, como ambiente de humanização plena das pessoas. O moderador da sessão foi Hugo Paiva, Coordenador no Colégio. E o debatedor foi Antônio Carneiro, jornalista, que foi um dos mais animados participantes da Escola de Pais, que funcionou no São Vicente, no 1º semestre do ano passado.



CARLOS LESSA,
Economista e
Professor da UFRJ

Dia 16, o economista **Carlos Lessa**, Professor da UFRJ, comentou **Violência e Economia**: impressionou pela vivacidade da exposição, coragem das propostas teóricas e confiança nas possibilidades de superação dos impasses atuais do modelo econômico que aí está. O moderador dos debates foi o Vice-Presidente da APM, Benito Díaz Paret, e a debatedora foi Luísa Siciliano Aieta, nossa Professora de História no 2º Grau.



Alvacoeli, moderadora, Góes, debatedor, Pe. Lauro (E), na noite da palestra sobre Violência e Educação



A freqüência às palestras foi sempre pequena, mas representativa



O debate mobilizou os participantes e Jó respondeu sobre a FAMERJ

Promovido pela APM



HUGO PAIVA,
Professor, Orientador e
Coordenador no São Vicente

Dia 19, Hugo Paiva, Educador no São Vicente, falou sobre **Violência e Educação** e projetou a série de slides "A Vida na Escola e a Escola da Vida", preparada pelo IDAC e editada pela Sonoviso do Brasil. A oposição entre a filosofia da educação e da violência e a prática concreta, mostrada nos slides, animou o debate, moderado por D. Alvacoeli Pires e Albuquerque de Ardissonne, Diretora de Relações Públicas da APM, e iniciado pelo Ex-Professor do São Vicente, Moacyr de Góes, que tivemos gosto de rever e ouvir.



JÓ REZENDE,
Presidente da Federação das
Associações de Moradores RJ

DIA 23, a última palestra, sobre **Violência e Sociedade Urbana**, foi feita por **Jó Rezende**, Pai de Alunos do Colégio, que veio falar-nos como Presidente da FAMERJ (Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro). Também uma mensagem de denúncia das formas de violência a que estamos expostos, na cidade que aí está, e também uma conclamação para mais união e organização dos cidadãos, como forma de humanizar a cidade, de preservar ou recuperar nosso espaço humano. O Secretário da APM, Ronaldo Barral de Senna, moderou os debates, iniciados por D. Regina Maria Nascimento, Mãe de Alunos do Colégio e participante atenta da Associação de Moradores de Laranjeiras

C ABEM aqui um agradecimento à APM pela promoção e os votos de que repita e amplie a dose! Dois destaques da promoção foram, sem dúvida, o alto nível das palestras e dos debates, que valeram definitivamente a pena, pela riqueza de sugestões, pelas instigações, e, em contraste, o número pequeno de pessoas que compareceram: no melhor dia, foram 75 pessoas; no menos freqüentado, 34..., apesar dos 2.000 convites às Famílias dos Alunos, aos Professores, a outros Colégios, às Associações de Moradores e Amigos do Cosme Velho e Laranjeiras...

O 23 de abril de 1973 foi um dos dias históricos do Colégio São Vicente de Paulo: na tarde daquela segunda-feira de Páscoa, surgia nova etapa educacional, representada pelo CURSO SUPLETIVO NOTURNO.

1 — Suas origens

Ainda que se admita a antiguidade da idéia, não há dúvida quanto à causa imediata: a necessidade de uma estrutura de apoio ao CURSO LIVRE NOTURNO, já em funcionamento no Bairro do Catumbi e afetivamente vinculado ao São Vicente.

1.1 — Desde o ano de 1969, dois coirmãos da Comunidade do Colégio, os Pes. Dario Nunes e Hugo Paiva, passaram a residir praticamente no morro do Catumbi, onde haviam adquirido uma habitação ao nível dos moradores dali. Era uma admirável opção no sentido do testemunho, de uma pastoral mais direta nos fins de semana, uma oportunidade, quem sabe, de pesquisas úteis ao apostolado de ambos que, então, continuavam a exercer suas tarefas rotineiras, quer no Colégio (Dario) quer em outros ministérios (Paiva). O bom relacionamento entre eles e os sacerdotes da Paróquia da Salette resultou em assumirem aos poucos algumas responsabilidades pastorais nas vizinhanças do próprio "barraco", território ainda da paróquia.

1.2 — Pouco tempo bastou para que vissem a necessidade de fazerem ali alguma coisa pela educação daquela gente quase abandonada. Surgiram as aulas noturnas, a modo de curso livre que, aos poucos, cresceu e se desdobrou, ficando parte no morro, parte na própria sede da paróquia.

1.3 — Outras iniciativas promocionais foram aparecendo, sempre sob a liderança dos dois, já então ajudados por boa equipe de gente, direta ou indiretamente oriunda do Colégio São Vicente: professores, alunos, pais ou parentes de alunos e outros amigos.

2 — Onde o colégio se vê solicitado a se empenhar diretamente

A previsão da imensa dificuldade de legalizar aqueles cursos, até então informais, em vista de "diplomas" reconhecidos, fez crescer o coro de apelos à direção do Colégio no sentido de este assumir o curso do Catumbi, a partir da organização de um curso semelhante na própria sede do Colégio. Era o que se esperava e nesta intenção pusemos mãos à obra.

2.1 — Em realidade, de há muito se pensava em dar um destino à capacidade ociosa noturna do Colégio. Normalmente, apenas uma meia dúzia de salas de aula eram usadas uma ou duas vezes por semana, para aulas suplementares do terceiro ano do segundo grau.

Assim mesmo, tal uso não ultrapassava o horário de 20h30min. Em tempos passados, funcionara pequeno curso de alfabetização, ocupando uma ou duas salas e, em alguma situação de emergência, o Colégio cedeu temporariamente suas salas a outros. Assim, por exemplo, aconteceu em relação ao Colégio Estadual André Maurois, naquela época dirigido por D. Henriette Amado, a quem fora dada ordem de "antecipar as férias", em virtude da crise política estudantil. Então, acolhidos gratuitamente pelo S. Vicente,

DEZ ANOS DE HISTÓRIA DO SUPLETIVO

os seus alunos do 3º Colegial puderam perfazer todo o restante do curso. Nos últimos meses (a partir de 72), se vinha cedendo uma ou outra sala ao MOBREAL, acreditando-se, de tal modo, numa instituição que, de início, dava sinais de patriótico idealismo.

2.2 — Como, na própria Diretoria da Associação de Pais e Mestres, não faltavam os que se preocupavam com tal "capacidade ociosa", esta se comprometeu a valiosa ajuda a ser dividida entre os dois pólos — o "Catumbi" e o próprio S. Vicente — do futuro Supletivo. Diante disso e, sobretudo, da pressão exercida pelo pessoal do Catumbi, decidiu-se, bastante improvisadamente, a fundação imediata do que faltava no Colégio. Estava-se quase às portas do início do ano escolar regular de 1973.

2.3 — A preparação imediata foi, em grande parte, assumida pela equipe militante do Catumbi. Com raro zelo, fizeram a promoção do Curso, auxiliaram nas matrículas, propondo-se mesmo assumir a orientação geral do mesmo, candiditando-se alguns a lecionar e a encontrar voluntários para as classes que ficassem vagas. Dever-se-ia começar com a Alfabetização e as quatro primeiras séries do primeiro grau. E com cerca de 350 alunos.

3 — Água na fervura: Primeiras dificuldades.

3.1 — Um curso-relâmpago sobre o sistema de "ensinar conscientizando", segundo Paulo Freire (adotado anos atrás pelo MEB), foi a primeira ocasião reveladora da heterogeneidade ideológica do grupo, já então composto de "voluntários" — quase todos da equipe do Catumbi — e contratados — quase todos já funcionários do próprio Colégio. A cisão foi imediata, pela desistência quase total dos componentes da equipe do Catumbi. A responsabilidade do Curso ou sua orientação geral ficaria mesmo com o Diretor do Colégio, optando-se, por razões de ordem prática, por uma equipe ideologicamente bem menos avançada mas bem mais comprometida com o dia-a-dia do Colégio.

3.2 — Problema financeiro. O idealismo inicial não comportava o cuidado de um orçamento, mesmo aproximativo, já que, intencionalmente, a mão-de-obra seria toda de voluntários não-remunerados. A mudança de "quadros" trouxe nova realidade: professorado contratado, posto que por um salário pouco mais que simbólico, se comparado com o dos professores regulares. Igualmente, ao contrário do que havia anunciado o grupo do Catumbi se decidiu receber dos alunos a mensalidade de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) — o tempora! — que era mesmo simbólica, não obstante serem aqueles dias um pouco mais privilegiados que os nossos, pois o litro de gasolina não chegava a um cruzeiro!

Apesar disso, não foi nada fácil receber esse dinheirinho, pois fora anunciada a cota de cinco cruzeiros "para quem pudesse pagar..."

3.3 — Completou-se o "QUI PRO QUO", quando um dos líderes do Catumbi compareceu à reunião da A. P. M., aproveitando-se da ausência do Diretor do Colégio, para conseguir a canalização, em proveito da obra do Catumbi, de toda a verba que a A. P. M. destinara ao Supletivo. O constrangimento foi imenso. E o dissabor talvez não esteja ainda totalmente digerido.

4 — Os primeiros heróis

Aquelas dificuldades não empanaram a alegria dos que participaram dos "dias pioneiros". Improvisações, adaptações, experiências, tudo coexistiu num grande esforço de todos para acertar. O supletivo existia: era uma realidade que a todos fazia felizes.

4.1 — OS ALUNOS

Entre 15 e 70 anos variava a escala de idade deles. Gente, quase toda, que "dava duro" durante o dia, como operários ou domésticas. Grande número teve de iniciar ou refazer a alfabetização. Vários, classificados na primeira prova para uma série avançada, tiveram de recuar após algumas semanas de aulas. Todos "adoravam seu Colégio e seus professores". A dedicação destes produziu milagres de entrosamento e de clima de família, não tardando a aparecer as festinhas, as comemorações, as iniciativas socializadoras. Bem cedo se verificou que este aspecto da socialização, mesmo em se tratando de adultos, era tão importante quanto o da aprendizagem pedagógica. Alguns dos alunos "fundadores" (assim como dos que vieram depois) eram funcionários do próprio Colégio ou membros de famílias de funcionários. E ali estava mesmo o nosso bom Irmão Antonio Narciso, da Casa Central, a cuja formatura de primeiro grau assistiríamos, anos mais tarde. Como sempre, havia um pouco de tudo: gente muito boa e outros "menos dotados". Alguém entre eles criou tal amor ao Colégio que, nas últimas provas, fez questão de não ser promovida, para não ter de deixar o Colégio! Havia os impagáveis, como a Graça que a todos divertia; e os "impossíveis", como a Simeana que, chegada à segunda série, teve de ser reconduzida à... alfabetização, pois esquecera os fundamentos. Mencionemos, entre os ilustres, o nosso Reginaldo Baptista dos Santos que, tendo chegado bem ao final do primeiro grau, partiu, com mais alguns colegas, para o segundo grau do Santo Inácio onde também foi diplomado. O que não o impediu de continuar em seu posto de motorista do Colégio e a atender pelo gostoso apelido que uma senhora francesa nobilitou, ao tratá-lo de "Monsieur Chocolat".

4.2 — CORPO DOCENTE

Mal começaram a circular as notícias, apareceu no gabinete do Diretor uma jovem universitária, já quase a terminar o curso de matemáticas. Era a primeira candidata de fora. E foi a primeira a ser contratada, trazendo depois o noivo e colega. Marlúcia e Gilson, a dupla de matemáticas, destinada a "monopolizar" aquela cadeira. De dentro, não esqueço os nomes de funcionários como Guimarães, Lucas, João Paulo, Prof^a Marlene, Prof^a Lúcia Musso, Prof^a Neli Baumgratz e tantos mais, que souberam transformar o Supletivo numa família.

Várias dificuldades tiveram de ser sanadas. A bravura da equipe a tudo fez face. Uma delas, por exemplo, foi a grave enfermidade da Orientadora Pedagógica, dois meses apenas depois de iniciados os trabalhos.

Era a Profa. Maria da Conceição Monteiro, que viria a permanecer no posto por dois anos, demonstrando eficiência e tendo ótima aceitação.

O Pe. Armando Nogueira, apesar de uma saúde sempre precária, aceitou fazer parte da equipe, como Supervisor, com algumas aulinhas, para relembra-los os velhos tempos. Exerceu com zelo suas atribuições, imprimindo em tudo aquele lado afetivo que às vezes tanto o fazia sofrer no momento da ruptura. Ele foi "chamado" pelo Senhor no dia 18 de outubro de 1978. A gratidão se une à saudade, ao recordarmos sua memória.

O "mestre" Sherif. Mesmo sem a estrita responsabilidade de professor, não pode ser esquecido o Pedro Paulo a quem, bem cedo, coube a parte de organização geral e disciplina. E como soube desempenhar-se de suas tarefas, sobretudo a de, com jeito, colocar, na hora certa, alunos e mestres na sala de aulas!

4.3 — O CORPO AUXILIAR

No primeiro momento, pensava-se reduzir ao mínimo os protocolos. A tesouraria, por exemplo, funcionou, por meses, de modo "amadorístico". Verificados os inconvenientes, foi logo o Danilo solicitado a ajudar alguns tempos noturnos aos seus plantões. Quanto à parte de Secretaria, desde o primeiro momento se pediu mais este serviço à D. Paula que, depois, se fez assessorar. Ela pode agora somar os seus 24 anos de S. Vicente, mais os dez de Supletivo!

Muitos outros deveriam ser lembrados, do subsolo ao quarto andar. Não há palavra que descreva a dedicação de cada um, a partir dos "zeladores" da limpeza. A porteira, D. Maria Avelina, integrou-se de tal modo ao Supletivo que aceitou vestir-se de noiva numa festa junina. É com que garbo! Eu só gostaria de saber que fim tiveram naquele dia, o seu belo vestido, adquirido *ad hoc*, e minha velha e única (última?) batina que, emprestada ao "padre de ocasião", não regressou ao meu guarda-roupa.

5 — Novos ingredientes

Apesar de ser a parte pedagógica o "forte" das preocupações, bem cedo apareceu a oportunidade de "algo mais".

5.1 — ESBOÇO DE PROFISSIONALIZAÇÃO
Pela reforma de 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional introduziu os cursos profissionalizantes para o ensino ou currículo regular. Até que ponto viria a ser exigido também o Supletivo, destinado a gente já suposta profissionalizada? De qualquer forma, prevendo-se (temendo-se?) tal ocorrência, decidiu-se a iniciar alguma coisa no gênero, também no Supletivo. Note-se que, somente naquele ano (73), se dava a tal "formação específica" no curso regular do São Vicente, como na maioria dos Estabelecimentos do país.

— A oportunidade era constituída pela própria existência, no Colégio, do grupo das Senhoras da Caridade, hoje "Voluntárias de S. Vicente de Paulo", desejosas de colaborar diretamente

com os mais necessitados da Casa. Elas assumiram a incumbência, sempre com o estímulo entusiástico do Pe. Nogueira. Uma vez por semana, a segunda metade do horário de aulas seria consagrada à aprendizagem de artesanatos, utilidades domésticas, artes aplicadas. Em poucos meses, sairiam dali "manicures, costureiras, bordadeiras, cozinheiras de forno e fogão, pintoras de porcelanas" etc.

No primeiro ano, as coisas se acomodaram facilmente, porque o longo e único semestre letivo (abril — dezembro) permitia concessões. Nos anos seguintes, a obrigação legal dos programas semestrais (— é este o "milagre" do Supletivo: permitir ao aluno, suposto maduro, cursar um ano letivo no prazo de um semestre! —) já comportaria mal o desvio de alguns tempos de aula semanais. Outra razão lutou contra: grande parcela de alunos se recusava a participar de tais cursos, pois o que desejavam era receber do Supletivo as "letras" que a vida lhes tinha, até o presente, negado.

Em 74, já não funcionou mais a experiência profissionalizante.

5.2 — BIBLIOTECA

— Mais duradoura foi a experiência da complementação cultural e pedagógica pela ida semanal de cada turma à Biblioteca. Assessorados pela professora-bibliotecária, os alunos refletiam em grupos, "pesquisavam", recebiam livros para as leituras e deveres de casa.

5.3 — S.O.E (SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL)

— Fazia-se notar a carência de formação a que, muitas vezes, não conseguiam atender as simples aulas de Religião e de Educação Moral e Cívica. Acreditava-se na utilidade da instituição do SOE, aliás, prescrito por lei. Entretanto, quem tem experiência de escola sabe bem quanto é difícil conciliar o pedagógico, o curricular, com o educacional, encarnado no SOE. Os dois que se propuseram tal objetivo foram o Pe. José Fernandes da Silva e D. Maria José Bustamante: o Zé e a Zezé. Deram passos apreciáveis, sobretudo na dinâmica de grupo e no relacionamento inter-salas. Bem cedo, entretanto, o Fernandes preferiu lecionar português e a Zezé voltou à Biblioteca, onde aliás sempre realizava boa tarefa educativa, pois a ela os alunos recorriam na certeza de serem "compreendidos". De seus trabalhos com os grupos nasceram muitas festinhas bem organizadas.

Aqui relembro o nome do pranteado Jorge Soares. Também ele nosso antigo irmão no sacerdócio e na comunidade nunca deixou de ser bom amigo da Casa, sobretudo do Supletivo. Onde e quando aparecia, era sempre a lição viva de otimismo e bondade. Não foi um "presságio" ter nascido o Supletivo no seu dia aniversário e onomástico?

6 — Corria o tempo...

Momentos positivos e felizes, alternados com outros difíceis, "críticos". As dificuldades com os alunos — apreciáveis, sem dúvida — eram quase sempre as menos graves. As existentes entre os professores, quer entre si quer com a turma, bem mais dolorosas. Mas as alegrias dominavam quase sempre e eram gostosamente saboreadas.

6.1 — Graças à dedicação e o interesse de D. Enilde, designada para fiscalizar-nos, nosso Supletivo foi bem cedo reconhecido e oficializado.

6.2 — Tal não se deu com a parte que funcionava no Catumbi. Ao contrário do que se esperava, a Secretaria de Educação não quis ou não pôde considerá-la uma "sucursal" do Colégio. Na falta de condições para solicitar sua legalização autônoma, continuaram alguns membros da equipe a levar adiante os cursos, com a condição de os futuros certificados de conclusão de estudos se-

rem expedidos pelo Colégio São Vicente. O Diretor do Colégio não aceitou correr tal risco e as obras se separaram quase por completo, vindo logo após a desaparecer o Curso do Catumbi. Em toda esta fase de elaboração, o Catumbi já não contava mais com a presença de Dario e Paiva que ali eram os representantes diretos da Diretoria do São Vicente.

6.3 — Entre as lacunas que se foram perpetuando no Supletivo do São Vicente, é bom (e justo!) lembrar algumas:

a) Os alunos do Curso regular não foram devidamente preparados para receberem o Supletivo como parte integrante da Casa, que consideravam "feita para eles, alunos regulares". Durante muito tempo, continuaram a chamar seus colegas da noite de "gente do Mobra!". Foi muito longo o período de "adaptação" e os ressentimentos às vezes vinham à tona. Chegou-se a um clima de convivência pacífica, mas não de simpatia e colaboração, apesar de algumas iniciativas da parte do Supletivo.

b) — Da parte dos professores dos cursos mais graduados do regular, o relacionamento não me parece ter ultrapassado certa simpatia platônica e uma indiferença vivencial, salvas, como sempre, as "honrosas exceções".

c) — A bem da verdade, mesmo a Direção, no seu todo, não chegou a considerar o Supletivo como parte importante da Obra, durante os seus primeiros anos de existência.

Explica-se, portanto, a falta de coerência entre a Filosofia Educacional que o Colégio procurava viver e o pragmatismo que se observava no Supletivo, onde o esforço se concentrava na parte pedagógica.

7 — Conclusão

7.1 — Quem conseguiu chegar até este ponto, terá percebido que se trata de "reminiscências" e não, propriamente, de uma história dos primeiros dias do Supletivo. Quase sempre traiçoeira, a memória deixa lacunas, inexatidões, imprecisões. Minha intenção foi prestar a merecida homenagem a quantos, nestes dez anos, vêm sustentando, com trabalho e paciência esta obra que já está a merecer uma avaliação mais científica. Caberá, pois, a outros, protagonistas ou testemunhas do fato, dar aqui sua contribuição, complementando, corrigindo, documentando.

7.2 — Meu parecer pessoal é que, apesar de todas as deficiências, uma delas, por exemplo, é a de se ter limitado ao primeiro grau — o Supletivo deu nova e importantíssima dimensão à Casa.

a) Representa um esforço racional e sério de promoção humana — e cristã, quem sabe — de pessoal necessitado, sobretudo do bairro, tão cercado de "favelas", como se apresenta o Cosme Velho.

b) A presença dos alunos noturnos, como a de todo pobre, se manifestou logo evangelizadora, através do amor à Casa, do respeito aos mestres, do espírito de família, a que já aludi.

c) Simplificando, o Supletivo veio a ser a presença vicentina no Colégio.

7.3 — Qual terá sido a repercussão desta obra fora dos muros do Colégio? Terá, na Província, pelo menos, contribuído para que alguns coirmãos modificassem seu modo de ver aquela obra educacional no seu conjunto? É o que eu gostaria de saber...

O que posso afirmar aqui, ao encerrar estas notas, é que nunca deixaram de me emocionar — cada vez que delas me lembro — as palavras proferidas pelo santo e exigente Padre Viana, por ocasião de uma das nossas Reuniões Provinciais que se seguiram à criação de nosso Supletivo: "Graças a Deus! Fundou-se um Curso para os pobres no Colégio do Rio. O Colégio São Vicente está salvo!"

Pe. José Pires de Almeida, C. M.

A PROPÓSITO DE GALILEU:

FÉ & CULTURA, ALGUMAS QUESTÕES PARA DEBATE

VÁRIOS equívocos têm marcado historicamente a relação entre fé e cultura, seja por visões erradas de seus objetos, seja pela determinação autoritária dos seus significados, o que conduziu especialmente o Cristianismo a práticas monopolistas do conhecimento.

Hoje, no entanto, novos horizontes de compreensão se abrem a fim de recuperar o sentido real da fé e da cultura. Alguns exemplos ilustram esse processo de abertura. Vou falar de dois: de um lado, o recente reconhecimento público, por parte do Papa João Paulo II, do erro cometido pela Igreja na condenação do cientista Galileu Galilei, por divergências de concepção de mundo e de ciência.

Outro exemplo significativo é o respeito que as pastorais da Igreja passam a ter, sempre mais, em relação aos diferentes grupos humanos de culturas e etnias, como os índios, o negro. Coisa que absolutamente não acontecia até bem recentemente na nossa história.

A imposição e dominação política,

econômica e religiosa fizeram passar, através das mais importantes instituições, inclusive a Igreja, uma concepção de cultura e de ciência muito elitista. Isto é, uma visão reducionista, que chamava de científica a prática cultural dos homens letrados. Esta visão vem sendo fortalecida enormemente pela imposição dos sistemas tecnocratas.

Estas práticas levam a posicionamentos radicais e excludentes. Racionalistas, de um lado, que reduzem a cultura ao campo do conhecimento científico sistemático. (Por este caminho ocorre o esvaziamento da Igreja, quando a ciência, com suas descobertas, desmistifica as concepções mágicas da população). De outro lado, o fato de a Igreja ter deixado de lado as práticas religiosas populares conduz também ao esvaziamento.

O povo, na sua prática, é portador de uma sabedoria própria, de um modo de vida criado na resistência, pelas dificuldades que enfrenta.

O modo de tratar os problemas diários, as relações que são estabelecidas

entre os homens são sempre criadoras. Quando elas se abrem para o desconhecido, o transcendente, tornam-se portadoras de valores e de concepções que nem sempre a ciência discute ou tem no seu campo de pesquisa e atuação.

O novo posicionamento da fé, expresso principalmente nas diversas pastorais da Igreja Católica na América Latina, recuperando valores evangélicos, que se dirigem à humanização da cultura, dão-nos novos alicerces para enfrentar de forma mais crítica os desafios do nosso tempo. Podemos dar, como exemplo, a abertura às novas maneiras como os adolescentes e jovens vêm discutindo hoje questões ligadas à vida sexual. Certamente essas novas posturas levarão a um processo de abertura muito mais saudável para a prática da fé e para a prática social.

Após mais de uma década de fechamento cultural, através da censura, coerção e repressão, vivemos ainda ameaças de retrocessos e hesitações na abertura cultural e política. Este é um cenário em que a fé, na sua dimensão

de liberdade e de valorização do homem, pode contribuir fundamentalmente para uma nova sociedade, sem os preconceitos "separatistas" que embotaram nossa cultura, escondendo toda a sua riqueza.

Nesse contexto vale relembra as palavras do Papa, a respeito da cultura, quando esteve no Brasil e discursou para um grupo de intelectuais: "A cultura não deve sofrer nenhuma coerção por parte do poder, quer político, quer econômico".

A abertura para o "ainda não" deve estar fundamentada no "já".

Esta relação histórica não opõe fé e cultura. Ao contrário, as convida para quebrarem, de forma crítica, as amarras da dominação para a existência do homem livre e para a liberdade dos "filhos de Deus".

É preciso, no entanto, descobrir a partir de que lugar social nossa leitura de cultura ou de fé está sendo feita.

Adair L. Rocha (Educador CSVP — PUC — USU)

DE ONDE VEM? O QUE QUER DIZER ISSO?

CONHECER a origem das palavras é uma das melhores formas de bem entender seu significado — além de revelar como evoluem as idéias e a maneira de pensar daqueles que usam determinada língua. Por exemplo, a palavra *fortuna* em latim queria dizer sorte. Podemos imaginar que foi o amor pelas coisas materiais que fez com que, em várias línguas modernas, inclusive a nossa, aquela palavra passasse a significar também "posse de muitos bens". Outra evolução curiosa: no tempo dos descobrimentos, que haveria de mais significativo para as famílias portuguesas do que ver os navios voltando ao porto, após a longa viagem, e do-

brando as velas? Daí o "dobrar" (em latim, *plicare*) deu o nosso "chegar". (Aliás, a transformação do "pl" latino em "ch" português é bastante comum: *Plumbum* — chumbo, *pluvia* — chuva, *plorare* — chorar). Abaixo, algumas outras etimologias interessantes.

• **Açougue** — do árabe *As-sukh*, o mercado. Em português, o termo restringiu-se ao comércio de carne.

• **Ametista** — os gregos acreditavam que uma pedra roxa era um amuleto contra bebedeiras. Daí o nome, composto de "A" — prefixo de negação, e *methystos* — bêbado.

• **Boicote** — em 1880, o Capitão Charles C. Boycott, que administrava na Irlanda as propriedades do conde (inglês) de Erne, resolveu subir o valor do arrendamento. Os irlandeses se organizaram em liga contra ele, não lhe vendiam gêneros e tentaram destruí-lo a propriedade. Boycott teve sorte em escapar com vida para a Inglaterra.

• **Cálculo** — os Romanos e outros povos da antiguidade faziam suas contas com seixos, que eram acrescentados ou retirados de uma pilha ou caixa, onde, ao final das operações, haveria um número de seixos igual ao resultado final da conta. Cálculo é o diminutivo de *calx*, *calcis*, pedra de cal, em latim.

• **Capital** — a cidade mais importante, a cabeça (do latim *caput*, *capitis*).

• **Robot** — do tcheco *robotnik*, trabalhador, ou *robota*, trabalho.

• **Sandwich** — John Montagu, lord Sandwich, era um jogador compulsivo e adquiriu o hábito de ordenar que lhe trouxessem como comida, uma fatia de rosifim entre duas de pão, para não interromper a jogatina. Daí...

• **Solecismo** — na antiguidade, Atenas tinha uma colônia chamada Soloi, cujos habitantes (*soloikos*) tornaram-se conhecidos por seus erros de pronúncia ou de escrita. Os atenienses passaram a se referir a tais erros como *soloikismos* (solecismo).

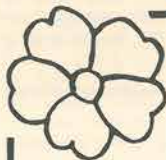
COCKTAILS E RECEPÇÕES EM GERAL

CATEGORIA INTERNACIONAL

Serviço de banquetes, almoços e jantares — fornecimento de garçons aluguel de pratarias, réchauds, mesas, cadeiras, toalhas, copos e todo material de serviço

ISIDRO S. RODRIGUES COMÉRCIO
E SERVIÇOS DE BUFFET

RUA DAVID CAMPISTA, 35
TELS.: 286-7419 — 246-6685



MIRAFLORES

CRECHE — MATERNAL
JARDIM — ALFABETIZAÇÃO
EXTERNATO E
SEMI-INTERNATO

CONVÊNIO COM O COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO
Rua General Glicério, 40
225-5917
Rua das Laranjeiras, 537/539
Tel.: 205-7047
205-1896

VÂNIA M. M. CATA PRETA

Dentista
CRO-RJ 5261

Reabilitação Oral
Av. Copacabana, 647-s/601
tels. 257-5791 e 236-5391

O que deu afinal, no questionário da APM?

A APM passou aos Pais um questionário e vem agora, através d'A CHAMA, prestar contas do que foi respondido, em síntese. Este trabalho é fruto da paciência do Secretário da APM, Ronaldo, que computou todos os dados, minuciosissimamente. A elaboração deste texto é do Presidente da APM, João Carlos.

30 dias após o envio, pelo Correio, do questionário aos Pais, apenas 82 respostas haviam sido recebidas. Uma intensa campanha telefônica e de contactos pessoais elevou este total para 124, um número ainda muito pequeno em relação ao universo de Famílias com Filhos no Colégio (1310). As melhores marcas ficaram com os Pais das turmas 13 e 41 (8 respostas cada). Grupando-se por séries, os maiores totais couberam à 1ª, 6ª e 7ª séries do 1º Grau.

O primeiro ponto que se destacou no conjunto das respostas foi a falta de conhecimento dos Pais em relação à APM — e o desejo de conhecê-la melhor. Questão 1: 50% dos Pais responderam que já tinham ouvido falar da APM (40,3% declararam conhecê-la e saber o que ela faz); 75%, porém, jamais fizeram um contacto com a Associação (questão 3) e 53% declararam não conhecer seu trabalho (questão 5). Imagine-se agora a situação daqueles que nem responderam o questionário...

Por outro lado, foi alentador saber-se que 87% dos Pais achavam que a Associação deveria ser mantida ou ativada, sendo que ninguém recomendou que fosse acalmada ou extinta...

Quanto às ofertas de colaboração (questões 8 e 15), foram bastantes, apesar de um terço dos questionários terem estes quesitos em branco e alguns terem feito a ressalva de que precisariam primeiramente conhecer melhor a Associação. Na pergunta sobre a colaboração n'A CHAMA (questão 9), 25% das respostas foram positivas.

As atividades sugeridas com mais frequência (questão 10) foram palestras, teatro e esportes. Aqui cabe uma observação: apesar do predomínio absoluto da sugestão de se promoverem palestras,

a frequência às cinco palestras oferecidas em maio, sobre o tema Violência, foi baixo, um máximo, na primeira noite, de 75 pessoas. (Felizmente, o que faltou em número sobrou em participação, proporcionando animados debates e muitas perguntas. Espera-se que o excelente nível destas palestras estimule uma maior presença nas que serão oferecidas no 2º semestre).

As questões sobre o Colégio (questões 13 e 14) indicaram que este corresponde, e até mesmo supera, à expectativa dos Pais. A resposta mais freqüente à questão 14 (pontos negativos) foi "nenhum importante". E, nos pontos positivos (questão 13), destacaram-se: qualidade do ensino, clima de liberdade e estímulo à iniciativa dos Alunos. Quase que simetricamente, assinalaram-se, como pontos negativos, ensino deficiente e falta de disciplina...

No quesito sobre as Voluntárias da Caridade, uma decepção: apenas 5% das respostas optaram por conhecer melhor sua Organização.

Nos comentários e sugestões (questão 17), voltaram os temas de mais comunicação e melhor divulgação da APM. Os questionários foram preenchidos (questão 18) principalmente pela Mãe (41%) ou pelo Casal (31,5%). Apenas 9 remetentes não se identificaram (questão 19) e houve inúmeras ofertas para fazer palestras sobre o mercado de trabalho, para a informação profissional dos Alunos do 3º Ano do 2º Grau.

Finalmente, vale consignar um agradecimento a todos os que dedicaram um pouco do seu tempo para enviar à APM suas idéias críticas e sugestões, que serão de grande valia para orientar o trabalho da Associação.

LEMBREM-SE: A APM NADA É SEM OS PAIS! PARTICIPEM!

CARACOL OU FORMIGA?

"Quando meu vizinho entra no elevador, eu saio".
(Morador do meu prédio)

Vocês já observaram como as formiguinhas, em seu constante vaivém, dão a impressão de se cumprimentarem ao se encontrar e como ficam agitadas e saem à procura das companheiras quando encontram algum alimento?

E o caracol? Zeloso de sua casa, ele a carrega nas costas e, ao encontrar um elemento estranho, se enrola todo dentro dela. Parece que o mundo exterior o amedronta.

E nós, como nos comportamos ante nosso vizinho? Nós lhe sorrimos num gesto espontâneo ou saímos do elevador quando ele entra?

No excelente Ciclo de Palestras ocorrido em maio, no São Vicente, baseado no tema da Campanha da CNBB para este ano — "Fraternidade sim, violência não" — o Dr. Hélio Amorim discorreu sobre núcleos familiares que se esquivam ao contato salutar com outros grupos, que lhes trariam um enriquecimento muito positivo para suas vidas.

Contou-nos o Dr. Amorim que, certa vez, sua família participou de um convívio comunitário como outras famí-

lias residentes no mesmo terreno de sua casa, onde era constante o intercâmbio entre seus componentes, o que resultou em proveito de todos.

Alertou-nos para o contraste entre essa experiência de vida e de moradia e os núcleos habitacionais citadinos, onde nos compartimentamos em espaços restritos e isolados, desprovidos de calor humano e, por isso, tristes.

Quantas vezes, em nome do que chamamos "proteger a nossa casa", nos alheamos de ocorrências em torno de nós e deixamos de escutar um grito de socorro de nosso vizinho do lado, em momentos de aflição ou de dor? É comum nem sabermos quem reside em cima ou embaixo de nós.

Para a ruptura desse desinteresse egoísta que nos transforma em caracóis, muito têm contribuído as Associações de Moradores e as Comunidades de Base, nos incitando a cooperar com nossos vizinhos, nos induzindo à participação comunitária, na qual nos tornamos formigas atuantes e conscientes de problemas que nos afetam, afetando, de igual modo, a nossa comunidade.

Vanice

A COLEGIAL



Roupas, uniformes em geral para meninos e meninas
Enxovais e móveis para bebês
Tudo isto com crédito imediato e vários planos à sua escolha...
Vale a pena conferir!

Uniformes que são um barato!

Centro: Largo de S. Francisco 38-40
Tel: 221-0278

R. Sete de Setembro 165
Tel: 221-6039

Ipanema: R. Visc. Pirajá 8-A
Tel: 287-3200



Também em Ramos, Méier,
Tijuca, Madureira e Niterói

GENTE NOSSA

☆ Parabéns aos Aniversariantes! ☆

DE JULHO	SETOR	DATA
Antônio Milão Pinto	Elevador	02/07
Seimar Magalhães Sant'Anna	Professora	03/07
Anésio Pereira Dutra	Professor	10/07
Maria Francisca de Lima	Cozinha	11/07
Délcio Vieira Trovão	Inspetor	13/07
Araciema de Moura Neves	Audiovisual	15/07
Joolina Alves de Alcântara	Professora	15/07
Antônio Luiz de Andrade	Zeladoria	25/07
Leda Carneiro	Secretaria	26/07
Olga Maria da Costa Ramalho	Mecanografia	28/07
Altina Jacinto Machado	Inspetora	29/07
Dyrce Franco Furtado	Secretaria	31/07
Valério Bartelli	Carpintaria	31/07

DE AGOSTO	SETOR	DATA
Augusto Espinola Avello	Inspetor	01/08
Aluísio de Oliveira	Zeladoria	02/08
Cátia da Silva Campello	Biblioteca	02/08
Sílvio Correia Matri	Tesouraria	03/08
Sérgio Luiz Alves Drago	Professor	06/08
Eliane Gomes Dias	Professora	08/08
Cláutenes Antônia F. F. Lopes	Professora	11/08
Dairene Bezerra Feitoza	Aux. Coord	14/08
Nice Pereira dos Santos Ballado	Professora	14/08
Maria Emília Martins Alves	Refeitório	21/08
Paulo Roberto Barbosa	Inspetor	23/08
Maria da Glória Rocha Cabral	Inspetora	24/08
Almir Terceiro Telles	Professor	25/08
Maria Celeste Reis Braga	Professora	25/08
Pe. Humberto Venuto	Professor	27/08
Cosme de Souza	Zeladoria	28/08
Joaquim Batista de Souza	Zeladoria	30/08
Maria Helena Vernes V. de Carvalho	Professora	31/08



Olhe Quem Está Aqui!

● Devido a uma falha que nos propomos corrigir, em nosso nº 36 a legenda que acompanhava a foto do casal **Secretário do APM** deixou de ser impressa. São eles: Ronaldo Barral de Senna, engenheiro eletrônico, e Cely Almeida Senna, professora. Dos 4 filhos, 2 são nossos alunos.

Uma Carta Aos

Mestres Com Carinho

Aos professores Jacob e Noemia, Parabéns pela excelente proposta para o estudo de Ciências — criativa, participante, enriquecedora.

Gostaria de voltar ao 1º Grau para poder confeccionar o meu livrinho de Ciências e para aprender a fazer um caleidoscópio, tão belo e multicolorido, cujo segredo, mistério para mim até hoje, é de pleno conhecimento dos alunos da 3ª série.

Regina M. B. Nascimento

“Estive doente e vocês me ajudaram”

EMOCIONADOS com a situação muito difícil vivida pela esposa e quatro filhos menores de Francisco Pereira dos Santos, Funcionário da Zeladoria do São Vicente, acometido de doença grave e internado no Hospital São Sebastião, os Funcionários do Colégio se uniram numa campanha para garantir a subsistência dessa família, à espera da liberação, pelo INPS, do auxílio-doença.

Liderado, inicialmente, pela Funcionária Maria Theresina Pereira da Serra e difundido por Maria da Glória Rocha Cabral — nossa querida Glóri-

nha — esse movimento motivou todos os funcionários do Colégio, sendo apoiado pelos Padres, Professores e Coordenadores.

Os Alunos Ricardo Horta Borges Rêgo e Rodrigo Ribeiro dos Santos, da turma 31, por iniciativa própria, aderiram à Campanha e, com a participação de toda a turma 31 e a colaboração da Profª. Ana Maria Abreu Azevedo, organizaram uma feirinha de bugigangas, cujo resultado em dinheiro, mantimentos e brinquedos, foi entregue à Família de Francisco.

As outras turmas do 1º Grau deram sua colaboração e, nas 5ªs séries, o Prof. Sérgio Maia, de Religião, incentivou a Campanha como uma vivência do espírito de fraternidade que norteia a Educação Religiosa no São Vicente.

O Grêmio Colegial, através do seu Presidente, Luís Felipe Bellintani Ribeiro, e dos seus colegas, ajudou muito, recebendo donativos em dinheiro e em espécie. Todos contaram com o apoio dos Coordenadores.

Uma iniciativa que começou bem pequena e cresceu muito, envolvendo todos os setores do nosso Colégio.

Sucesso (relativo) do Concurso

“EIS A QUESTÃO”:

Andou Sobrando Prêmio

O sucesso do 1º concurso EIS A QUESTÃO não foi lá dos maiores: apesar do número relativamente alto de cupons depositados na urna (465), apenas 38 alunos concorreram. Considerando o total do corpo discente do Colégio, pode-se afirmar que a participação foi realmente pequena.

Na apuração, viu-se que muita gente usou o direito de enviar mais de um coupon, como permitia o regulamento. O campeão foi o Fernando Álvarez, da turma 32, com 56 coupons. A grande maioria das respostas erradas mencionava a data 15 de março de 1975, que, na realidade, corresponde ao dia da anexação do Estado da Guanabara ao Estado do Rio. Nesta data tomaram posse a Assembléia Constituinte do novo Estado e seu 1º governador, Floriano Faria Lima. A Constituição foi promulgada cerca de 4 meses depois, no dia 23 de julho de 1975.

Outro ponto que chamou a atenção na apuração foi a diferença de aspecto entre os coupons publicados na revista e os fornecidos pela Tesouraria. Esta diferença viria a prejudicar uma condição indispensável a um sorteio isento, que é a de terem, todos os coupons, um aspecto externo uniforme. Felizmente não houve necessidade de sorteio porque o número de acertadores (7) foi inferior ao número de prêmios oferecidos (20).

A idéia de haver coupons na Tesouraria à disposição dos alunos nasceu do fato de que cada família recebe apenas 1 exemplar d'A

CHAMA e, portanto, haveria falta de coupons para as famílias com mais de um filho no colégio, caso mais de um filho/aluno resolvesse concorrer.

Como decorrência, foi permitido que o mesmo aluno enviasse mais de um coupon, para evitar a necessidade de controlar quais os alunos que teriam direito aos coupons da Tesouraria (por terem irmãos no colégio) e quais o que não teriam.

Como se concluiu, pelas observações feitas durante a apuração, que é inconveniente terem-se coupons de formato diferente, resolveu-se não mais publicar os coupons na revista, deixando-os apenas na Tesouraria do Colégio. Esta nova regra tem várias vantagens: uniformiza os coupons, torna desnecessário controlar quem tem irmãos no colégio e quem não tem, evita a mutilação da revista e elimina a necessidade de se permitir o “voto múltiplo”.

Por isto, no concurso nº 2, que vai publicar neste número, cada aluno poderá participar somente com 1 coupon, a ser obtido na Tesouraria do Colégio.

Finalizando, queremos dar os parabéns ao 3º ano primário cujos alunos foram os que mais se interessaram pelo concurso (26 participantes), especialmente os da turma 32 (14 participantes).

Vamos lá, pessoal! Participem do concurso nº 2 — e boa sorte!

“EIS A QUESTÃO” Nº 2

CORRA ★ CONCORRA ★ GANHE!

No presente número estamos promovendo o 2º concurso EIS A QUESTÃO. Como no primeiro, o concurso consiste apenas em responder a pergunta abaixo e é aberto a todos os alunos do Colégio.

MODIFICAÇÃO NAS REGRAS

Foram feitas 2 modificações nas regras do concurso: 1) a revista não traz mais os coupons impressos, os alunos deverão obtê-los na Tesouraria do Colégio; 2) Cada aluno poderá concorrer com 1 cupom apenas, ficando abolida a regra que permitia o envio de vários cupons pelo mesmo aluno. As demais regras foram mantidas.

DEMAIS REGRAS

Os cupons preenchidos deverão ser deposita-

dos na urna existente na Tesouraria do Colégio até o dia 1º de julho. Dentre as respostas certas serão sorteadas 20, cujos remetentes receberão como prêmio um vale para a Cantina do Colégio, no valor de Cr\$ 1.000,00. Os vales serão entregues em classe, no início de agosto, e terão validade por 15 dias. A lista dos sorteados será afixada no quadro de avisos existente no saguão de entrada do Colégio.

EIS A QUESTÃO

Qual o direito dos cidadãos que é garantido pelo dispositivo legal chamado HABEAS CORPUS?

Obtenha seu cupon na Tesouraria do Colégio, preencha-o e deposite-o na urna.

ESTUDO DIRIGIDO A.M.A.

(Aulas Particulares)

- Método moderno
- Ensinamos “como” estudar.
- Todas as matérias.
- 1º e 2º graus — Madureza — Vestibular
- Escola Naval — Escola Técnica — Concursos.

Rua Almirante Tamandaré 66 sala 514
Tel.: 245-2829 Flamengo

ESCOLHA DE PROFISSÃO?

informação
Ocupacional e
Orientação Vocacional

Núcleo de Orientação Vocacional

Método Psicodinâmico
Atendimento Individual e Grupal
Psicóloga Irene Zaslavsky,
CRP 05/1304 — Tel.: 205-2936
Orientação Educacional Marita
Pinheiro, Reg MEC 4019 —
Tel.: 245-1266

ANUNCIE

A revista A CHAMA atinge 1.300 famílias de Alunos do São Vicente. Calculando-se uma média de três leitores por família, temos um total de 3.900 leitores, pertencentes, em sua maioria, a famílias de bom poder aquisitivo. A tabela de preços para veiculação de anúncios é a seguinte:

Classificados: Cr\$ 500,00 (por linha de 31 batidas)

Página inteira: Cr\$ 50.000,00
1/2 página: Cr\$ 26.000,00
1/4 página: Cr\$ 13.500,00
5,5cm X 7,6cm: Cr\$ 10.000,00
3,8cm X 5,2cm: Cr\$ 5.400,00

Os Classificados deverão ser enviados datilografados e os anúncios maiores em arte-final, para Rozani, Secretária do Diretor. Caso a publicidade seja veiculada em três números seguidos, haverá um desconto de 10% sobre o preço anterior. A entrega do material deverá ser feita até o dia 10 de cada mês.

Anunciando em A CHAMA, você e sua empresa estarão colaborando para que a revista possa se autofinanciar e progredir na realização de seus compromissos para com as necessidades e iniciativas educacionais.

CLASSIFICADOS

AULAS PARTICULARES todas as matérias
1º e 2º Graus. EQUIPE UNIVERSITÁRIA
Tel. 201-2817 e 273-0256

CONTIGRÁFICA — 35 anos servindo ao
Estudante e ao Bairro Rua das Laranjeiras,
48 A Tel. 245-6245.

REFEIÇÃO NATURAL — “Nossa Casa”
entregas a domicílio. Tel.: 225-9921



Joaquim (E), José Antônio e Dona Tereza, na porta do barraco novo

Estes "Subiram o Morro" Ajudando Quem Tem Menos

Os Funcionários da Zeladoria do São Vicente, José Antônio da Silva, Joaquim Batista de Souza e Severino Alves Vieira, moradores no morro do Cerro-Corá, usaram seus momentos de folga para construir um cômodo para D. Tereza Batista da Conceição, de 60 anos, sua vizinha, demonstrando que a solidariedade entre vizinhos é muito importante para a sua convivência.

D. Tereza é deficiente física, vive sozinha e perdeu seu barraco com as últimas chuvas. As **Voluntárias da Caridade** colaboraram para que essa senhora tivesse uma nova moradia e a CHAMA testemunhou a sua alegria e a dos Funcionários que a proporcionaram.

CARIDADE? ASSISTÊNCIA? PROMOÇÃO?

"O que vos mando é que vos ameis uns os outros". Jo 15,17.

Numa roda de amigos, um tema surgiu, polarizando a atenção de todos: devemos fazer caridade?

Diziam alguns, inclinados a posições políticas radicalizantes, que, ao socorrermos alguém em estado de carência, estaremos atrasando um processo de transformação social que visa à implantação de uma sociedade mais igualitária e justa. Argumentei, em contraposição, que nosso irmão caído na sarjeta, humilhado, degradado, não tem condição física, mental e cultural de participar de nenhum movimento renovador. Ele necessita do nosso amparo hoje, agora, imediatamente. Ao negarmos a essa criatura nossa cooperação fraterna, estaremos incorrendo no egoísmo, ainda que respaldado em justificativas ideológicas.

Numa das reuniões das **Voluntárias da Caridade** em que se abordava a mendicância, uma delas, após a leitura de uma paródia de um trecho do Evangelho, no qual os preceitos estavam invertidos, indagou das demais: que estamos fazendo por nossos irmãos caídos em desgraça?

Certamente que essas senhoras têm consciência de que cabe principalmente aos governos a solução de tão grave problema, mas não se omitem diante de uma realidade cruel, desumana. Seguidoras de São Vicente e Santa Luísa de Marillac, elas se questionam, para que sua caridade não se constitua num tipo de assistencialismo conformista e conformado.

Para as crianças do São Vicente, as **Voluntárias da Caridade** são aquelas moças que vendem prendas no Bazar. Para pessoas sectárias, elas apenas fazem caridade. Para quem está na outra margem da sociedade, elas refletem o amor evangélico atuante e transformador.

Vanice

Voluntárias da Caridade — Telefones para contatos:

Irany — 265-1695; Dinah — 205-0796; Tanya — 245-9430

IN ILLO TEMPORE...

● No início de 1978, A CHAMA publicou uma entrevista com um Pai de Aluno que, a certa altura, disse: "Acho as mensalidades altas; pago cerca de Cr\$ 3.000,00 pelos meus dois Filhos!" É difícil de acreditar que nosso cruzeiro tenha sido acometido de tal debilidade! O dólar, naquela época, valia cerca de Cr\$ 16,00 e a ORTN, Cr\$ 130,00...